

Elizabeth Keckley

NOS BASTIDORES



**Trinta anos
escrava, quatro
anos na
Casa Branca**



Principis



Prefácio

Muitas vezes pediram-me que eu escrevesse sobre minha vida, pois quem me conhece sabe que foi uma vida interessante. Finalmente cedi à insistência de meus amigos e rascunhei às pressas alguns dos impressionantes incidentes que compõem minha história. Minha vida, tão cheia de aventura, pode parecer um sonho para o leitor comum, mas tudo o que escrevi é absolutamente verdadeiro; muito foi omitido, mas nada foi exagerado. Ao escrever como o fiz, estou ciente de que instigarei críticas, mas, antes que as pessoas julguem com rigor, peço que minha explicação seja lida com cuidado e ponderação. Se retratei o lado sombrio da escravidão, também illustrei o bom. As coisas boas que eu disse sobre a servidão humana devem ser colocadas na balança com as ruins. Tenho amigos queridos e sinceros no Sul e no Norte, e não magoaria meus amigos sulistas com uma condenação generalizada, só porque um dia fui escrava. Eles não foram responsáveis pela maldição sob a qual nasci, tampouco o Deus da natureza ou aqueles que elaboraram a Constituição dos Estados Unidos. A lei se impôs sobre eles, e era natural que eles a reconhecessem, uma vez que era de seu interesse fazê-lo. E, no entanto, um mal me foi infligido; um costume cruel me privou de minha liberdade e, como meu direito mais caro me foi roubado, eu não seria humana se não tivesse me rebelado contra essa violência. Deus rege o Universo. Eu fui mero instrumento em suas mãos e, por meio de mim e dos milhões de escravizados de minha raça, uma das questões que

pertencem ao grande problema do destino humano foi resolvida, desenvolvendo-se de maneira tão gradual que não houve nenhuma grande convulsão da harmonia das leis naturais. Uma verdade solene veio à tona e, o que é ainda melhor, foi reconhecida como verdade por aqueles que fazem cumprir as leis morais. Um ato pode ser errado, mas, a não ser que as autoridades reconheçam o erro, é inútil esperar que ele seja corrigido.

Ainda que sejam corretos, os princípios não são estabelecidos imediatamente. As massas demoram a atingir o bom senso, e cada princípio, para adquirir força moral, precisa ser forjado a fogo; inicialmente esse fogo pode impor um castigo injusto, mas posteriormente ele purifica e fortalece o princípio, não em si mesmo, mas aos olhos daqueles que tomam o ato de julgar para si. Quando a Guerra de Secessão promulgou a independência das colônias americanas, um mal foi perpetuado, a escravidão foi estabelecida com mais rigor, e, uma vez plantado, o mal precisou passar por determinados estágios antes que pudesse ser erradicado. Aliás, não damos muita atenção à sementeira do mal até que ela atinja proporções monstruosas que lançam sombra sobre importantes interesses; só então os esforços para destruí-la se intensificam. Como uma das vítimas da escravidão, bebi do amargo veneno, mas, ao mesmo tempo, como quis o destino, e porque ajudei a trazer uma verdade solene à tona – como uma verdade –, talvez eu não tenha o direito de reclamar. Aqui, como em todas as coisas da vida, posso ser generosa.

Podem surgir acusações de que escrevi com demasiada liberdade sobre algumas questões, principalmente no que diz respeito à sra. Lincoln. Não concordo; fui impulsionada pela mais genuína motivação. Por seus próprios atos, a sra. Lincoln alçou-se à infâmia. Ela ultrapassou os limites formais que cercam a vida privada e incitou a crítica pública. As pessoas a julgaram com severidade, e nenhuma outra mulher foi mais difamada na imprensa do país. As pessoas nada sabiam dos bastidores de suas transações, então a julgaram segundo o que foi revelado. Pois um ato pode ser considerado equivocado quando julgado por si só, mas, quando o motivo que levou àquele ato é compreendido, ele é interpretado de outra maneira. Coloco na forma de axioma, que só há crime aos olhos de

Deus quando o crime é calculado. A sra. Lincoln pode ter sido imprudente, porém, como suas intenções eram boas, ela deveria ser julgada com mais simpatia. Mas o mundo não sabia quais eram suas intenções; as pessoas apenas foram informadas de seus atos sem conhecer quais sentimentos guiaram suas ações. Para julgá-la como eu o fiz, o mundo deve conhecer a história que há por trás de suas transações. O mistério deve ser desvendado, e a origem dos acontecimentos deve ser trazida à luz, nua e crua. Se traí sua confiança em qualquer coisa que tenha publicado, foi para colocar a sra. Lincoln sob uma ótica mais favorável diante do mundo. Uma quebra de confiança desse tipo – se é que a situação pode ser chamada assim – sempre é digna de perdão. Minha própria reputação, assim como a reputação da sra. Lincoln, está em jogo, uma vez que estive intimamente associada àquela senhora durante os períodos mais agitados de minha vida. Fui sua confidente e, se acusações vis são depositadas à sua porta, também devem ser depositadas à minha, pois participei de todos os seus atos. Para me defender, preciso defender a senhora à qual servi. O mundo julgou a sra. Lincoln por fatos supérfluos, e a única maneira de convencê-lo de que o erro não foi calculado é explicar os motivos que nos instigaram. Não escrevi nada que possa colocar a sra. Lincoln sob uma perspectiva mais desfavorável diante do mundo do que essa sob a qual ela está exposta no momento, portanto a história secreta que ora publico não pode lhe causar nenhum mal. Excluí tudo o que havia de pessoal de suas cartas; os excertos apresentados fazem referência apenas a homens públicos e lançam luz sobre sua desventura em Nova Iorque. Essas cartas não foram escritas para serem publicadas, razão pela qual são ainda mais valiosas; são transbordamentos sinceros do coração, afloramentos do impulso, chaves para a genuína motivação, e, se ajudarem a abafar a voz da calúnia, ficarei satisfeita. É preciso lembrar que, antes de os jornais difamarem a sra. Lincoln, as senhoras que frequentavam seu círculo social, em Washington, sondavam seu caráter livremente entre elas. Tripudiavam sobre várias histórias escandalosas que nasciam dos boatos de seu próprio círculo. Se essas senhoras podiam dizer tudo de mau sobre a esposa do presidente, por que eu não teria permissão de revelar sua história secreta, principalmente se essa história mostra claramente que

sua vida, como qualquer outra, tem seu lado bom e seu lado ruim? Nenhum de nós é perfeito, razão pela qual deveríamos ouvir a voz da generosidade quando ela sussurra em nosso ouvido: “Não aumente as imperfeições dos outros”. Se os atos da sra. Lincoln nunca tivessem virado patrimônio público, eu não publicaria para o mundo os bastidores de sua vida. Não sou a exclusiva defensora da viúva de nosso lastimado presidente; como o leitor das páginas que se seguem poderá constatar, escrevi com extrema franqueza sobre ela – expus suas falhas e dei crédito à sua sincera motivação. Espero que o mundo a julgue como ela é, livre dos exageros de louvor ou escândalo, uma vez que fui associada a ela em muitos acontecimentos que provocaram duras críticas. Quero crer que o julgamento que o mundo pode vir a fazer dela apresentará minhas próprias ações sob uma perspectiva mais favorável.

ELIZABETH KECKLEY

Carroll Place, n. 14, Nova Iorque

14 de março de 1868



O lugar onde nasci

Minha vida tem sido repleta de acontecimentos. Nasci escrava – filha de pais escravos –, portanto vim ao mundo livre no pensamento divino, mas acorrentada nas atitudes. Nasci em Dinwiddie Court House, Virgínia. Minhas lembranças da infância são nítidas, talvez porque muitos incidentes tumultuados estão associados a essa época. Meus 40 vão longe, e, sentada sozinha em meu quarto, os pensamentos emergem com força, e vislumbro pequenos *flashes*, alguns agradáveis, outros nem tanto, e, quando saúdo rostos familiares, frequentemente me pergunto se não estou revivendo o passado. As visões são tão nítidas que quase imagino que sejam reais. Fico horas sentada, pensando em tudo que vivi, e então percebo como minha vida foi intensa. Cada dia parece um romance, os anos se acumulando em pesados volumes. Como não posso condensar todas as cenas, omito muitas passagens estranhas de minha história. É difícil fazer uma seleção em meio à vastidão de acontecimentos, mas, como não estou escrevendo exatamente a minha história, vou limitá-la aos fatos mais importantes que acredito terem influenciado a formação do meu caráter. Analisando o vasto oceano do passado, esses acontecimentos se destacam e sinalizam memórias. Suponho que eu devia ter 4 anos quando das primeiras lembranças; pelo menos, não consigo recordar nada que tenha acontecido antes dessa época. Os negócios do meu senhor, coronel A. Burwell, eram um tanto

instáveis e, durante a minha infância, ele foi obrigado a se mudar diversas vezes. Enquanto moravam na Faculdade de Hampton-Sidney, no Condado de Prince Edward, Virgínia, a sra. Burwell deu à luz uma meiga menina, de olhos negros, minha primeira e mais querida filhotinha. Cuidar daquele bebê foi minha primeira tarefa. É verdade que eu mesma não passava de uma criança – tinha apenas 4 anos –, mas havia sido criada para ser forte, autossuficiente e prestativa. Essa lição não me fora amarga, pois eu era muito jovem para me entregar a questões filosóficas, e acredito que os preceitos que eu estimava e praticava tenham desenvolvido os princípios de caráter que me capacitaram para vencer diante de tantas dificuldades. Apesar de todos os males que a escravidão lançou sobre mim, posso bendizê-la por uma coisa – a importante lição da autossuficiência na infância. O nome do bebê era Elizabeth e me agradava a responsabilidade de cuidar dela, pois, com isso, fui transferida de uma choupana bastante humilde para a casa dos meus senhores. Meu traje era simples, composto de um vestido curto e um pequeno avental branco. Minha antiga senhora me incentivava a balançar o berço, dizendo que, se eu cuidasse bem do bebê, mantendo as moscas longe de seu rosto e não deixando que chorasse, eu seria sua criada. Era uma ótima promessa, e eu não precisava de grande incentivo para desempenhar fielmente minha tarefa. Comecei a balançar o berço com afinco, quando... o bebezinho foi arremessado ao chão! Imediatamente gritei: “Oh! O bebê caiu!”. Perplexa e sem saber o que fazer, peguei a pá da lareira para tentar erguer minha preciosa carga, quando a senhora gritou que eu deixasse o bebê em paz e ordenou que eu fosse levada e açoitada por meu descuido. Garanto que os golpes eram tão fortes que não esqueci nenhum detalhe desse incidente. Foi a primeira vez que fui cruelmente punida, mas não a última. O bebê de olhos negros a quem eu chamava de “filhotinha” cresceu e se tornou uma garota teimosa, e, anos depois, foi a causa de muitas de minhas preocupações. Cresci forte e saudável e, embora tricotasse meias e fizesse vários tipos de tarefa, aos 14 anos frequentemente ouvia que eu nunca valeria o prato que comia. Quando completei 8 anos, a família do sr. Burwell era constituída de seis filhos e quatro filhas, além de contar com muitos criados. Minha mãe era doce e paciente; a sra. Burwell, uma sinhá rígida. Porque minha mãe

tinha muito trabalho costurando as roupas da família e dos escravos, entre muitas outras incumbências, decidi ajudá-la em tudo que era possível, o que minou todas as minhas forças, ainda que eu fosse bastante jovem. Como eu era sua única filha, ela me amava demais. Eu não sabia muitos detalhes sobre meu pai, pois ele era escravo de outro senhor, e, quando o sr. Burwell foi embora de Dinwiddie, ele foi apartado de nós, só tendo permissão para visitar minha mãe duas vezes ao ano – durante a Páscoa e o Natal. Por fim, o sr. Burwell decidiu recompensar minha mãe por meio de um acordo com o feitor do meu pai, segundo o qual meus pais foram autorizados a viver juntos novamente. Foi um dia muito feliz para minha mãe quando anunciaram que meu pai viria morar conosco. A velha aparência cansada desapareceu de seu rosto, e ela se dedicou de corpo e alma na realização de cada tarefa. Mas os dias dourados não duraram muito, e logo o sonho radiante se desvaneceu.

De manhã, meu pai me chamava e me beijava, então me abraçava como quem admira uma filha com orgulho.

– Ela está crescendo e virando uma linda garota – ele dizia para minha mãe. – Não sei de quem eu gosto mais, se de você ou da Lizzie... As duas são tão preciosas para mim!

O nome da minha mãe era Agnes, e meu pai gostava de me chamar de “Pequena Lizzie”. Enquanto os dois conversavam sobre o futuro, alegres e esperançosos, o sr. Burwell veio até a choupana, com uma carta na mão. Era um senhor gentil em algumas coisas, e, com a maior delicadeza possível, informou a meus pais que eles teriam de se separar, pois em duas horas meu pai precisaria se juntar a seu senhor em Dinwiddie e seguir com ele para o Oeste, onde estava decidido a formar seu futuro lar. O anúncio caiu como um raio sobre aquela pequena e pobre choupana. Lembro-me da cena como se fosse ontem – como meu pai se revoltou com a cruel separação; seu último beijo; a força com que abraçou minha mãe contra o peito; a solene oração aos céus; as lágrimas e os soluços; a angústia temerosa de corações partidos. O último beijo, o último adeus, e meu pai se foi, para sempre. As sombras eclipsaram a luz do sol, e o amor virou desespero. A separação foi eterna. Após a tempestade, não veio a bonança, mas confio que no céu tudo será bom. Nós, que somos esmagados nesta terra por pesadas correntes, que seguimos por uma

estrada árdua, dura e espinhosa, tateando o solo na escuridão da meia-noite, ganhamos o direito de gozar da luz do sol na eternidade. No túmulo, ao menos, há de nos ser permitido deitar nossos fardos, para que um novo mundo, um mundo de luz, se abra para nós. A luz que nos é negada aqui há de crescer em uma torrente de esplendor para além das sombras escuras e misteriosas da morte.

Por mais profunda que fosse a angústia de minha mãe por se separar de meu pai, sua tristeza não a poupou dos insultos. Minha antiga senhora lhe disse:

– Pare de bobagem; você não tem motivo para achar que está acima dos outros. Seu marido não foi o único escravo a ser vendido nesta família, e você não foi a única que teve de se separar. Há muitos outros homens por aqui. Se você quer tanto um marido, pare de chorar e vá encontrar outro.

Minha mãe não respondeu a essas terríveis palavras. Ela se virou em um silêncio estoico, os lábios assumindo um sorriso de desprezo odioso que crescia em seu coração.

Meus pais nunca mais se encontraram neste mundo. Trocaram correspondências com regularidade durante anos, e as recordações mais preciosas de minha existência são as cartas antigas e desbotadas que ele escreveu, repletas de amor, sempre na esperança de que o futuro trouxesse dias mais felizes. Em quase todas as cartas havia uma mensagem para mim: “Diga à minha Pequena Lizzie”, ele escrevia, “que seja uma boa garota e estude. Dê um beijo nela por mim e diga que um dia eu vou vê-la novamente”. Assim ele escreveu muitas vezes, mas nunca veio. Ele vivia de esperança, mas morreu sem nunca mais ver sua esposa e filha.

A seguir, reproduzo literalmente algumas passagens de uma das cartas que meu pai escreveu à minha mãe:

SHELBYVILLE, 6 de setembro de 1833.

SRA. AGNES HOBBS

Querida Esposa: minha querida e amada esposa to muito feliz por ter a oportun[i]dade escreve essas linha a ocê pela minha senhora que ta indo pra virginia, e muintos dos meus velios amigos com ela; acompanhão a sra. Ann Rus esposa do sinhô Thos Rus e Dan

*Woodiard e a familia dele e to muito triste por num podê i com eles uma veiz que tô determinado a ver ocê de novo se a vida me permiti. Agora eu to aqui nesse lugar e num posso sair dessa veiz. Eu to bem e saudavel e o resto da familia do sinhô tumem. Ouvi da sinhá essa noite que todos mandam lembransa a ocê e a todos meus velio amigo. To vivendo em uma cidade chamada Shelbyville e escrevi muintas carta deis de que xeguei aqui e quase convinci a mim memo que num tem como escreve mais; minha quirida esposa eu num tenho intensaum ninhuma de deixar de escreve a ocê e espero que quando ocê le essa carta ocê tenha vontade de escreve pra mim tumem. Eu to bem satisfeito por vive nesse lugar to ganhando dinheiro pra mim e espero um dia te beneficia tumem se eu vive pra ve o proximo ano o sinhô vai me da um tempo se eu paga a ele 100 e vinte dolar por ano e penso que to fazendo bons negócio e que vo te um poco mais que isso. Espero que com a ajuda de deus eu possa me reuni cocê na terra e no céu vamo nos encontra quando possiveu eu to determinado a nunca para de reza, nunca nessa terra e espero louva a deus em sua gloria que a gente se encontra e nunca mais se separe. Entao minha quirida esposa espero encontra ocê no paraizo pra louva deus pra sempre. * * **

*Quero que a Elizabeth seja uma boa garota e num pense que eu to tao longe que deus nao vai conseguí uni nossos caminho * * * * **

*GEORGE PLEASANT,
Hobbs servo de Grum. [sic]*

A última carta que minha mãe recebeu do meu pai data de 20 de março de 1839, proveniente de Shelbyville, Tennessee. Ele se esforça para parecer animado e espera vê-la em breve. Ah! Mas a espera foi em vão. Ano após ano, mesmo não perdendo as esperanças, ele não conseguiu vê-la em vida.

Por volta de 7 anos, testemunhei, pela primeira vez, a venda de um ser humano. Morávamos em Prince Edward, na Virgínia, e meu senhor havia acabado de comprar os porcos para o inverno, mas não tinha dinheiro para pagar todos eles. Para fugir da humilhação, seria necessário vender um dos escravos. O pequeno Joe, filho da cozinheira, foi o

escolhido. Ordenaram sua mãe que o vestisse com roupas de domingo e o mandasse para casa. Ele surgiu com uma expressão alegre, foi colocado na balança e, tal qual os porcos, foi vendido a quilo. Sua mãe não sabia da transação, mas começou a suspeitar. Quando o filho partiu para Petersburg de carroça, a verdade lhe surgiu na mente, e ela implorou que seu garoto não lhe fosse tirado; mas seu senhor a acalmou, dizendo que ele só estava indo até a cidade e que voltaria pela manhã. A manhã chegou, mas o pequeno Joe não voltou para sua mãe. As manhãs foram se passando, e a mãe foi para o túmulo sem nunca mais ver seu filho. Certo dia, foi açoitada por sofrer por ele. O coronel Burwell não gostava de ver seus escravos tristes, e aqueles que o ofendiam dessa maneira eram sempre punidos. Oh! O rosto reluzente de um escravo nem sempre é indicativo de um coração alegre. A certa altura, o coronel Burwell contava com setenta escravos, todos foram vendidos, e, na maioria das vezes, esposas eram separadas de maridos, filhos eram separados de pais. A escravidão nos Estados de Fronteira há quarenta anos era diferente da escravidão nos mesmos estados há vinte. O tempo pareceu amolecer o coração dos senhores e senhoras e garantir um tratamento mais gentil e humano a cativos e cativas. Quando eu era criança, aconteceu um incidente com minha mãe que mais tarde ficou gravado com mais força em minha mente. Um de meus tios, escravo do coronel Burwell, perdeu um par de arados e, quando a perda veio à tona, o senhor lhe deu um par novo e lhe disse que, se não cuidasse bem dele, seria punido com rigor. Em algumas semanas, os arados novos foram roubados, e meu tio se enforcou para não enfrentar o descontentamento de seu amo. Minha mãe foi até o rio pela manhã para buscar água e, ao olhar para o salgueiro que lançava sombras sobre o riacho borbulhante e cristalino, viu a figura sem vida do irmão, suspensa sob um dos fortes galhos. Em vez de receber a punição que o coronel Burwell reservava a seus servos, ele tirou a própria vida. A escravidão tem um lado sombrio, assim como um lado bom.



A infância e suas mágoas

Passarei rapidamente pelos acontecimentos agitados da minha infância. Quando eu tinha por volta de 14 anos, fui viver com o filho mais velho de meu senhor, um ministro presbiteriano. Seu salário era baixo, e ele carregava o fardo de ter uma esposa incapaz, uma garota com quem havia se casado em um momento delicado de sua vida. Ela era de uma sensibilidade doentia e imaginava que eu a desprezava porque ela vinha de uma família pobre. Eu era sua única criada e um empréstimo generoso. Como não podiam me comprar, meu antigo senhor procurou ajudá-los, reservando-lhes o benefício de meus serviços. Desde o início, fiz o trabalho de três criados e mesmo assim fui repreendida e tratada com desconfiança. Os anos se passaram devagar, e continuei servindo o casal, ao mesmo tempo em que me tornava uma mulher forte e saudável. Eu tinha quase 18 anos quando nos mudamos da Virgínia para Hillsboro, na Carolina do Norte, onde o jovem sr. Burwell assumiu o comando de uma igreja. Ele ganhava pouco e tínhamos de economizar muito. O sr. Bingham, um homem rígido e cruel, professor do povoado, era membro da igreja do meu jovem senhor e visitante frequente da casa paroquial. Aquela a quem eu chamava de “senhora” parecia querer se vingar de mim por algum motivo, e Bingham se tornou sua ferramenta para isso. Nessa época, meu senhor era estranhamente gentil comigo; era um homem de bom coração, mas muito influenciado pela esposa. Era uma noite de sábado. Eu estava curvada sobre a cama, cuidando do bebê que

havia acabado de dormir, e o sr. Bingham veio até a porta e pediu que eu fosse com ele até o escritório. Perguntando-me qual seria a intenção daquele estranho pedido, eu o segui e, quando entramos no escritório, ele fechou a porta e, com seu tom brusco, disse:

– Lizzie, eu vou castigar você.

Atônita, tentei lembrar se havia sido descuidada de alguma forma. Não consegui pensar em nada que merecesse punição e, surpresa, exclamei:

– Me chicotear, sr. Bingham?! Mas por quê?

– Não importa – ele respondeu –, vou chicotear você, então tire o vestido agora mesmo.

Lembre-se, eu tinha 18 anos, era uma mulher completamente desenvolvida, e ainda assim aquele homem pediu friamente que eu tirasse meu vestido. Eu me retesei, com orgulho, e respondi, decidida:

– Não, sr. Bingham, não vou me despir na frente do senhor. Além do mais, o senhor não vai me chicotear a não ser que prove que é o mais forte de nós dois. Ninguém além do meu amo tem o direito de me chicotear, e ninguém vai fazer isso se eu puder impedir.

Minhas palavras pareceram frustrá-lo. Ele pegou uma corda, me agarrou violentamente e tentou me amarrar. Resisti com toda as forças, mas ele era mais forte e, após uma árdua luta, conseguiu amarrar minhas mãos e rasgar meu vestido nas costas. Então pegou um chicote de couro e começou a chicotear meus ombros. Com mão firme e olhos atentos, levantava o instrumento de tortura, preparava-se para o golpe e, com um impulso temeroso, o couro descia sobre minha pele trêmula, que se cortava, produzindo salientes vergões, o sangue quente escorrendo pelas minhas costas. Ah, Deus! Sinto a tortura agora – a agonia terrível e excruciante daqueles momentos. Não gritei; era orgulhosa demais para deixar que meu carrasco soubesse que eu estava sofrendo. Fechei os lábios com firmeza, para que nem um gemido escapasse por eles, e fiquei imóvel como uma estátua enquanto o chicote afiado cortava profundamente minha carne. Assim que fui solta, atordoada de dor, ferida e sangrando, fui para casa e corri até o pastor e sua esposa, exclamando, descontrolada:

– Sr. Robert, por que o senhor deixou que o sr. Bingham me açoitasse? O que eu fiz para ser punida dessa maneira?

– Saia daqui – ele respondeu, grosseiro. – Não me incomode.

– *O que eu fiz? Preciso saber por que fui açoitada.*

Vi seu rosto corar de raiva, mas não cedi. Ele se levantou e, diante de minha recusa de ir embora sem uma explicação, pegou uma cadeira, me bateu com ela e me lançou ao chão. Levantei, desnorteada, quase morta de dor, rastejei até meu quarto, cobri os braços e as costas feridas o melhor que pude e me deitei, mas não para dormir. Não, eu não conseguiria dormir, pois sofria de uma tortura mental, além da física. Meu espírito se rebelou contra a injustiça que me havia sido imposta e, por mais que eu tentasse sufocar a raiva e perdoar àqueles que haviam sido tão cruéis comigo, era impossível. Na manhã seguinte, eu estava mais calma, e acredito que poderia ter perdoado tudo ao ouvir uma palavra gentil. Mas a palavra gentil não veio, e eu me senti triste e revoltada. Embora eu tivesse defeitos, agora sei, assim como senti na época, a crueldade era o pior estímulo para corrigi-los. Parece que o sr. Bingham havia prometido à sra. Burwell que refrearia o que ele chamava de meu “orgulho teimoso”. Na sexta-feira seguinte ao sábado em que fui espancada com tamanha selvageria, o sr. Bingham mais uma vez me chamou em seu escritório. Eu obedeci, mas determinada a oferecer resistência caso ele tentasse me açoitar novamente. Ao entrar, encontrei-o preparado com uma corda e um chicote novos. Eu lhe disse que estava preparada para morrer, mas que ele não me dominaria. Ao lutar contra ele, mordi-lhe o dedo com força, ao que ele pegou uma vara pesada, batendo-me vergonhosamente. Mais uma vez fui para casa ferida e sangrando, mas com um sentimento de orgulho mais forte e desafiador do que nunca. Na quinta-feira seguinte, o sr. Bingham tentou novamente me dominar, em vão. Lutamos, e ele me acertou vários golpes. Enquanto eu sangrava em pé diante dele, ele caiu no choro, quase exausto pelo esforço, e declarou que seria um pecado continuar me batendo. Finalmente meu sofrimento havia vencido seu duro coração; ele me pediu perdão e depois disso passou a ser outro homem. Daquele dia em diante, nunca mais se soube que tivesse batido em seus criados. O sr. Burwell, que pregava o amor celestial, que glorificava os preceitos e os exemplos de Cristo, que explicava as Escrituras Sagradas todos os sábados no púlpito, quando o sr. Bingham se recusou a seguir me

chicoteando, foi incitado pela mulher a me castigar. Certa manhã, ele foi até o monte de lenha, pegou uma vassoura, tirou o pesado cabo e, com ele, tentou me dominar. Lutei contra ele, mas ele provou ser o mais forte de nós dois. Ao ver minha figura ensanguentada, sua mulher caiu de joelhos e lhe implorou que parasse. Minha angústia chegou a ponto de tocar seu desconfiado coração de gelo. Fiquei tão machucada que não consegui sair da cama durante cinco dias. Não vou relatar a amarga angústia dessas horas, pois, só de pensar nelas, estremeço. Ainda não satisfeito, o rev. sr. Burwell decidiu tentar uma vez mais dominar meu espírito rebelde e orgulhoso – tentou e falhou novamente, quando me disse, com ar de penitência, que nunca mais desferiria mais nenhum golpe contra mim, e manteve sua palavra. Essas cenas revoltantes causaram uma grande comoção na época, foram o comentário da cidade e da vizinhança, e me alegro em saber que as atitudes daqueles que conspiraram contra mim não foram vistas como algo que favorecesse sua imagem.

Os esforços selvagens de dominar meu orgulho não foram as únicas coisas que me trouxeram sofrimento e humilhação enquanto vivi em Hillsboro. Eu era considerada bonita para alguém da minha raça, e durante quatro anos um homem branco – poupo o mundo de dizer seu nome – me desejou. Não quero me estender nesse assunto, pois é carregado de dor. Basta dizer que ele me perseguiu durante quatro anos e eu... eu... me tornei mãe. O filho de quem ele era o pai foi o único filho que coloquei neste mundo. Se meu pobre menino sofreu alguma dor humilhante por conta de nascer, ele não pode me culpar, pois Deus sabe que eu não queria lhe dar a vida nessas condições; antes, ele deve culpar as leis daquela sociedade que não consideravam crime destruir a virtude de moças que se encontravam na situação em que eu me encontrava na época.

Entre as cartas antigas preservadas por minha mãe, encontro a seguinte, escrita por mim enquanto vivia em Hillsboro. Em relação a isso, quero declarar que o rev. Robert Burwell atualmente vive¹ em Charlotte, Carolina do Norte:

HILLSBORO, 10 de abril de 1838.

MINHA QUERIDA MÃE:

Faz muito tempo que quero escrever, mas muitas coisas me impediram, e por isso peço que me desculpe.

Pensei muito mal de você por não me escrever, mas espero que responda a esta carta assim que a receber e me diga se gosta de Marsfield, se viu algum velho conhecido ou se ainda conhece alguém da casa de tijolos em quem tanto penso. Quero muito saber da família aí de casa. Acho mesmo que você e toda a família me esqueceram, do contrário eu teria notícias de alguns de vocês desde que deixaram Boyton, ainda que uma única linha. Ainda assim, amo muito todos vocês e continuarei amando, embora talvez eu nunca mais os veja – nem espero que isso aconteça. A srta. Anna vai para Petersburg no próximo inverno, mas ela diz que não tem intenção de me levar; que motivo ela tem para me deixar, não sei dizer. Muitas vezes desejei viver em um lugar onde eu soubesse que nunca poderia ver vocês, pois assim não alimentaria falsas esperanças e não ficaria decepcionada; no entanto, dizem que um mau começo leva a um bom final, mas não tenho muitas expectativas de ver esse dia feliz estando por aqui. Mande meu amor a toda a família, negros e brancos. Muito obrigada pelos presentes que vocês mandaram no verão passado, embora seja bastante tarde para agradecer. Diga à tia Bella que fiquei muito grata pelo presente; tenho cuidado tanto dele que só usei uma vez.

Houve seis casamentos desde outubro; o mais formidável foi há duas semanas; me convidaram para ser madrinha, mas, como sempre acontece com todas as minhas expectativas, eu me decepcionei, pois no dia do casamento eu estava mais para não sair do que para ir a um casamento. Mais ou menos uma semana antes do Natal, fui dama de honra de Ann Nash; quando a noite chegou, eu estava em apuros; não sabia se meu vestido estava limpo; tive só uma semana e precisava fazer o tronco e as mangas, e só tinha uma hora por noite para trabalhar na costura, então você pode imaginar que com todos esses obstáculos minha chance de ir era pequena. Vou parando por aqui, embora eu pudesse encher dez páginas com minhas tristezas e desgraças. Não há palavras para expressar o que senti. Não se esqueça de mim e responda logo à minha carta. Vou escrever de novo, e

escreveria até mais agora, mas a srta. Anna está dizendo que é hora de terminar. Diga a srta. Elizabeth que desejo que ela se apresse e se case logo, pois a sinhá falou que eu pertença a ela quando ela se casar.

Queria que você me enviasse um vestido bonito neste verão. Se você mandar para a sra. Robertson, a srta. Bet o entrega para mim.

Adeus, querida mãe.

*Sua filha afetuosa,
ELIZABETH HOBBS*

¹ Março de 1868. (N.A.)

*image
not
available*

sol de nenhum outro. E agora eles propunham destruir cada gavinha de afeto, encobrir o sol de sua existência quando o dia chegava ao fim, quando as sombras da austera noite se aproximavam, apressadas. Minha mãe, minha pobre mãe envelhecida, metendo-se entre estranhos para ganhar a vida! Não, mil vezes não. Eu preferia trabalhar até meus dedos ficarem só ossos, curvar-me sobre a costura até ficar cega, pedir esmolas de rua em rua, mas eu não suportaria que isso acontecesse com minha mãe. Comuniquei isso ao sr. Garland, e ele me autorizou a buscar uma solução. Tive sorte em conseguir trabalho e logo conquistei fama como costureira e modista. As senhoras mais distintas de St. Louis eram minhas clientes e, quando minha reputação se consagrou, nunca me faltaram pedidos. Com minhas agulhas, alimentei dezessete pessoas durante dois anos e cinco meses. Enquanto trabalhava tanto ao passo que outros podiam viver em relativo conforto e frequentar os círculos sociais aos quais seu nascimento lhes garantia acesso, perguntei-me várias vezes se eu valia ou não o que comia, e nessas ocasiões talvez meus lábios se curvassem em um sorriso amargo. Pode parecer estranho que eu colocasse tanta ênfase em palavras faladas sem pensar, mas nós fazemos muitas coisas estranhas na vida e nem sempre somos capazes de explicar os motivos que nos instigam. O trabalho era pesado demais para mim, e minha saúde começou a ceder. Mais ou menos nessa época, o sr. Keckley, que eu havia conhecido na Virgínia e aprendido a considerar mais que um amigo, veio a St. Louis. Ele pediu minha mão em casamento e durante muito tempo eu me recusei a considerar sua oferta, pois não podia suportar a ideia de gerar filhos para a escravidão, de acrescentar um único membro aos milhões sujeitos à irremediável servidão, acorrentados e agrilhoados a correntes mais fortes e mais pesadas que algemas de ferro. Propus comprar a mim e a meu filho; a proposta foi veementemente recusada e me ordenaram a nunca mais tocar no assunto. Eu não desanimaria assim tão facilmente, pois a esperança apontava para uma vida livre e feliz no futuro. “Por que meu filho deveria ser mantido escravo?”, eu me perguntava com frequência. Ele não veio ao mundo por minha vontade, e, no entanto, só Deus sabe o quanto eu o amava. O sangue anglo-saxão e o sangue africano corriam em suas veias; as duas correntes se misturavam – uma cantando a liberdade, a outra,

*image
not
available*

comprar sua liberdade. Estive pensando no assunto e disse à mamãe que seria uma vergonha deixar que você fosse para o Norte para *implorar* por algo que nós deveríamos *dar* a você. Você tem muitos amigos em St. Louis, e eu vou angariar os mil e duzentos dólares entre eles. Eu tenho duzentos dólares guardados para um presente; estou lhe devendo cem dólares; a mamãe deve cinquenta e vai acrescentar mais cinquenta; e, como eu não quero o presente, vou fazer do dinheiro um presente para você. Não vá para Nova Iorque agora até eu ver o que consigo fazer entre seus amigos.

Como um raio de sol ela veio e como um raio de sol ela se foi. As flores não estavam mais secas. Mais uma vez, pareciam florescer e crescer em fragrância e beleza. A sra. Le Bourgois, que Deus abençoe seu bom e doce coração, foi mais que bem-sucedida. Os mil e duzentos dólares foram angariados e finalmente meu filho e eu estávamos livres. Livres, livres! Que palavra gloriosa. Livres! A amarga luta havia chegado ao fim. Livres! Nossa alma poderia ir para o céu e para Deus sem correntes para lhe frear o voo. Livres! A terra parecia mais brilhante, e as estrelas pareciam cantar de alegria. Sim, livres! Livres pelas leis do homem e pela graça de Deus – que os céus abençoem os que me proporcionaram isso!

O trecho a seguir, copiado de documentos originais, contém, resumidamente, o histórico da minha emancipação:

Prometo dar a Lizzie e a seu filho George a liberdade, mediante o pagamento de 1.200 dólares.

ANNE P. GARLAND

27 de junho de 1855.

LIZZY: Envio-lhe esta nota para que a assine pela quantia de 75 dólares, e, quando eu lhe der a quantia total, peço que assine outra, pela quantia de 100 dólares.

ELLEN M. DOAN

No envelope, você encontrará 25 dólares; confira se está tudo certo antes que a garota vá embora.

Recebi de Lizzy Keckley a quantia de 950 dólares, que depusitei no

*image
not
available*



Na família do senador Jefferson Davis

Aceitei os mil e duzentos dólares com os quais comprei minha liberdade e a de meu filho apenas na condição de empréstimo. Trabalhei muito, e em pouco tempo paguei cada centavo que foi tão gentilmente adiantado por minhas clientes de St. Louis. Durante todo esse período, meu marido foi um fardo e uma fonte de problemas para mim. O trabalho tão rente às agulhas trouxe consequências para minha saúde e, exausta de tanto trabalhar, tomei uma decisão. Tive uma conversa com o sr. Keckley, informando-o de que, uma vez que ele insistia na devassidão, precisávamos nos separar; eu iria para o Norte e nunca mais viveria com ele, pelo menos até ter provas concretas de sua correção. Sua vida se degradava rapidamente e, embora eu me dispusesse a trabalhar por ele, não compartilharia de sua degradação. Pobre homem; ele tinha seus defeitos, sobre os quais a morte deitou seu véu. Meu marido agora dorme em seu túmulo, onde enterrei todas as memórias desagradáveis que tenho dele.

Deixei St. Louis na primavera de 1860, pegando o trem direto para Baltimore, onde fiquei por um mês e meio, tentando juntar dinheiro montando turmas de mulheres negras para ensinar meu padrão de corte e o ajuste de vestidos. A ideia não teve sucesso, pois, após seis semanas de

*image
not
available*

ela depositara muita confiança em mim. De início, fiquei tentada a ir com ela, pois seu raciocínio parecia plausível. Nesse dia, a conversa se encerrou com minha promessa de pensar sobre o assunto.

Pensei muito. Quanto mais eu pensava, menos propensa me sentia a aceitar a proposta feita com tanta gentileza pela sra. Davis. Eu sabia que o Norte era forte e acreditava que as pessoas lutariam pela bandeira que aparentavam venerar. O Partido Republicano havia acabado de sair de uma campanha acalorada e bastante vitoriosa, e eu não conseguia pensar que seus militantes abririam mão pacificamente de tudo o que haviam conquistado na campanha presidencial. Eu acreditava que uma demonstração de guerra do Sul levaria a uma guerra de verdade no Norte, e, com as duas regiões fortemente armadas uma contra a outra, eu preferia apostar nos nortistas.

Despedi-me da sra. Davis com ternura, prometendo me juntar a ela no Sul se resolvesse mudar de opinião. Algumas semanas antes de ela deixar Washington, costurei-lhe duas túnicas de chita. Ela disse que precisava deixar de lado as roupas caras por um tempo e que ela e os sulistas deviam aprender a ser econômicos, agora que a guerra era iminente. Ela deixou alguns bordados comigo, os quais, quando finalizei, encaminhei-os a ela, em Montgomery, Alabama, no mês de junho, com a ajuda da sra. Emory, uma de suas melhores e mais antigas amigas.

Desde que nos despedimos em Washington, no início de 1860, nunca mais encontrei nenhum membro da família Davis. Anos de entusiasmo, de derramamento de sangue, e centenas de milhares de túmulos se sucederam entre os meses que passei com a família e agora. Anos que trouxeram terríveis mudanças, e até mesmo eu, que um dia fui escrava e punida cruelmente com o chicote, que experimentei as torturas da alma e do coração infligidas na vida de um escravo, posso dizer ao sr. Jefferson Davis:

– Paz! Você sofreu! Vá em paz.

No inverno de 1865, eu estava em Chicago, e um dia visitei a grande feira de caridade organizada em prol das famílias dos soldados mortos ou feridos na guerra. Em uma parte da construção havia uma estátua de cera de Jefferson Davis, usando, sobre as demais peças, a túnica que, segundo relatos, ele vestia quando foi capturado. Havia sempre uma multidão em

*image
not
available*

de café no vestido que pensava usar na noite da recepção após a posse de Abraham Lincoln como presidente dos Estados Unidos, o que fazia necessário que ela providenciasse um novo para a ocasião. Ao perguntar à sra. McClean quem era sua modista, esta informou prontamente:

– Lizzie Keckley.

– Lizzie Keckley? O nome não me é estranho. Ela trabalhava para algumas amigas minhas em St. Louis, e elas falavam muito bem dela. Você indica o trabalho dela?

– Com certeza. Peço a ela que venha até você?

– Se não se importar... Obrigada pela gentileza.

No domingo seguinte, a sra. McClean me enviou uma mensagem dizendo que eu fosse até a casa dela às quatro da tarde do mesmo dia. Como ela não dizia a que se devia minha visita, decidi esperar até segunda de manhã, quando, às nove, fui à casa dela. As ruas da capital estavam lotadas, pois era o Dia da Posse. Um novo presidente, um homem do povo das amplas pradarias do Oeste, faria o juramento solene, assumindo as responsabilidades ligadas ao alto cargo de Primeiro Magistrado dos Estados Unidos. Nunca se manifestou um interesse tão profundo pelos procedimentos da posse como naquele dia: ameaças de morte foram feitas, e cada brisa do Sul vinha carregada de rumores de guerra. Nos arredores do Hotel Willard's, uma multidão agitada se aglomerava, e foi com muita dificuldade que abri caminho até a casa dos McCleans, que ficava do outro lado da rua. A sra. McClean não estava, mas um assessor do general logo me chamou, informando-me de que minha presença era aguardada no hotel. Atravessei a rua e, ao entrar no saguão, encontrei a sra. McClean, que me cumprimentou:

– Lizzie, por que você não veio ontem como lhe pedi? A sra. Lincoln queria ver você, mas temo que agora seja tarde demais.

– Sinto muito, sra. McClean. A senhora não disse o que queria de mim, então pensei que poderia vir hoje pela manhã.

– Você deveria ter vindo ontem – ela insistiu. – Vá até o quarto da sra. Lincoln – ela disse e me deu o número. – Talvez ela ainda tenha algum trabalho para você.

Com o andar apreensivo, segui em frente e bati à porta do quarto da sra. Lincoln. Uma voz animada me pediu para entrar, e uma senhora

*image
not
available*

Douglas, uma das senhoras mais adoráveis que já conheci, e para a esposa do secretário Wells e do secretário Stanton, entre outras. A sra. Douglas sempre vestia preto, com muito bom gosto, e muitas senhoras de destaque da sociedade de Washington a invejavam.

*image
not
available*

– Acho que você tem razão, mãe. Creio que vamos ter de optar pelas festas.

O dia seguiu. A questão estava decidida, e começaram as programações para a primeira festa. Era janeiro, e os convites foram enviados em fevereiro.

As crianças, Tad e Willie, sempre recebiam presentes. Willie ficou tão encantado com um pequeno pônei que insistia em montá-lo todos os dias. O tempo estava instável, e sua exposição resultou em um severo resfriado, agravado por uma intensa febre. Ele ficou muito doente, e fui chamada para cuidar dele. Era triste ver o pobre garoto sofrer. De compleição delicada, ele não resistia ao avanço da doença. Os dias se arrastavam, exaustivos, e ele se tornava cada vez mais fraco e pálido. Era o filho preferido, e a sra. Lincoln o idolatrava. Ela sofria ao vê-lo padecer. Quando saudável, ele era sua constante companhia. Todas as vezes que eu entrava no quarto da sra. Lincoln, quase sempre o encontrava lá, aninhado em uma poltrona, com lápis e papel na mão ou os olhos azuis percorrendo as páginas de um livro. Ele se interessava por literatura e era um garoto estudioso. Um pouco antes de sua morte, ele escreveu este pequeno e singelo poema:

WASHINGTON, D. C., 30 de outubro de 1861.

CARO SENHOR:

Apresento-lhe minha primeira tentativa de poesia.

*Cordialmente,
WM. W. LINCOLN*

Para o editor do National Republican.

VERSOS SOBRE A MORTE DO CORONEL EDWARD BAKER

*Não houve patriota como Baker,
Tão nobre e tão fiel;
Caiu como soldado no campo,
Olhando o azul do céu.*

Sua voz silenciosa no salão

*image
not
available*

na calçada. O sr. Seward entrou, com o príncipe Napoleão e dois homens de sua comitiva na carruagem; e, em um gesto heroico simulado – claramente havia certa intimidade entre o garoto e o secretário –, o oficial tirou o chapéu, e o príncipe Napoleão fez o mesmo, todos fazendo uma saudação cerimoniosa ao jovem príncipe presidente. Nem um pouco surpreso com a homenagem, Willie ficou totalmente ereto, tirou o pequeno boné com uma confiança elegante e se curvou em uma reverência formal, como um pequeno embaixador. Eles passaram, e ele seguiu com a brincadeira despreocupado: a prontidão improvisada e o discernimento lhe eram claramente naturais. Sua expressão aberta e jovial de serenidade era, no entanto, ingênua e destemida na busca por um toque de diversão; e era nessa mistura de qualidades que ele lembrava tanto o pai.

Com todo o esplendor que rodeava o garoto na casa nova, ele era tão corajosa e lindamente ele mesmo... e só isso. Uma flor selvagem transplantada dos campos para a estufa, ele manteve os hábitos campestres, com pureza e simplicidade inalteráveis, até a morte. Sua principal característica parecia ser uma franqueza gentil e destemida, desejando que tudo fosse diferente, mas imperturbável em sua própria sinceridade. Percebi que não resistia a analisá-lo, como um dos doces problemas da infância com que o mundo é abençoado em raros lugares; e a notícia de sua morte (na época, eu estava fora de Washington, em uma visita a meus filhos) chegou a mim como o soar solene e inesperado de um sino no meio de uma festa.

No dia do velório, cheguei antes da hora, para dar uma boa olhada de despedida naquele doce garoto; pois ele fora embalsamado para ser enviado ao Oeste – para descansar sob a relva de seu próprio vale –, e a tampa do caixão seria fechada antes do sepultamento. A família havia acabado de se despedir, e os criados e cuidadores o visitavam pela última vez – com lágrimas e soluços completamente desenfreados, pois ele era amado como um ídolo por cada um deles. Ele estava deitado com os olhos fechados – o cabelo castanho repartido como de costume –, pálido no sono da morte; vestido para a noite, segurando em uma das mãos, cruzadas sobre o peito, um buquê de flores delicadas – uma mensagem vinda de sua mãe, enquanto o

*image
not
available*

agora, empregava pessoas de cor. Sugeri o objetivo de minha missão a Robert Thompson, que trabalhava no restaurante e angariou uma quantia considerável entre os garçons. O sr. Frederick Douglass contribuiu com duzentos dólares, além de nos brindar com uma palestra. Outros homens de cor notáveis enviaram contribuições generosas. Da Inglaterra², recebemos uma grande quantidade de suprimentos. O sr. e a sra. Lincoln faziam frequentes contribuições. Em 1863 fui reeleita presidente da associação, cargo que sigo ocupando.

Durante dois anos após a morte de Willie, a Casa Branca não foi cenário de nenhum evento. A memória do garoto foi devidamente respeitada. A sra. Lincoln havia mudado em algumas coisas. Às vezes, em seu quarto, sem ninguém mais além de mim, a mera menção ao nome de Willie a emocionava, e qualquer coisa aparentemente sem valor que a fazia lembrar o filho era motivo para começar uma crise de choro. Ela não suportava olhar sequer para uma fotografia, e, após sua morte, nunca mais entrou no quarto de hóspedes onde Willie faleceu, ou no Salão Verde, onde foi embalsamado. Havia algo de sobrenatural em seu pavor em relação a essas coisas, algo que ela não conseguia explicar. A personalidade de Tad era oposta à de Willie, que sempre fora considerado o filho preferido. Seus olhos negros reluziam de malícia.

A guerra progredia, belos campos haviam sido manchados de sangue, centenas de homens corajosos haviam sucumbido, e milhares de olhos choravam os mortos em seu próprio território. Lares desolados despontavam no Sul e no Norte. Pessoas da minha raça assistiam à sangüinária luta das idas e vindas da batalha, o rosto erguido em direção ao Monte Sião, como se esperassem um vislumbre da Terra Prometida, além das nuvens de fumaça que ocasionalmente se deslocavam, só para revelar pavorosas fileiras de novas covas. A vida da nação parecia estremecer com o choque feroz das armas. Em 1863, os Confederados foram impulsionados por uma aparente vitória, parecendo que a imponente bandeira da União, com suas gloriosas estrelas e listras, cederia metade de sua nacionalidade à bandeira de sete estrelas que tremulava, grandiosa, sobre longas fileiras cinza. Foram dias de tristeza e ansiedade para o sr. Lincoln, que só aqueles que o conheciam na

*image
not
available*

dela. Basicamente, são essas.

– Muito bem, mãe. Agora que resolvemos o que você quer, vamos descer.

E, sempre com uma imponente dignidade, ele lhe oferecia o braço e a conduzia.

² Por meio do sr. Frederick Douglass, a Sociedade Antiescravagista de Sheffield, Inglaterra, contribuiu à Associação de Ajuda aos Ex-escravos com 24 dólares; a Sociedade das Senhoras de Aberdeen, com 40; a Sociedade Antiescravagista de Edimburgo, Escócia, com 48; os Amigos de Bristol, Inglaterra, com 176; a Sociedade Amiga dos Negros, de Birmingham, com 50. A Sociedade de Birmingham também doou, por meio do sr. Charles R. Douglass, a quantia de 33 dólares. (N.T.)

*image
not
available*

– Mas ele tem sido muito bem-sucedido no campo de batalha – o presidente argumentava.

– Sim, geralmente ele consegue vencer, mas também... perde dois homens para cada inimigo morto. Não tem manejo e não preza pela vida. Se a guerra durar muito tempo, e ele continuar no poder, vai despovoar o Norte. Eu também poderia liderar um exército assim. De acordo com a tática dele, não há nada mais a fazer além de mandar fileiras e mais fileiras de soldados combater, até que o inimigo se canse do massacre. Grant, repito, é um tolo obstinado e um açougueiro.

– Bom, mãe, vamos supor que lhe demos o comando do exército. Sem dúvida você se sairá muito melhor que qualquer general que já tentamos.

Havia um brilho em seus olhos e um toque de ironia em sua voz.

Ouvi muitas vezes a sra. Lincoln dizer que, se Grant um dia fosse eleito presidente dos Estados Unidos, ela ia querer deixar o país e se ausentar durante todo o seu mandato.

Era de conhecimento geral que os irmãos da sra. Lincoln estavam no exército dos Confederados, e por isso as acusações de que sua solidariedade estava com o Sul eram frequentes. Os que faziam essas acusações precipitadas nunca estiveram mais enganados.

Certa manhã, a caminho da Casa Branca, ouvi que o capitão Alexander Todd, um de seus irmãos, havia sido morto. Eu não queria informar a sra. Lincoln sobre a morte, pois acreditava que seria uma notícia dolorosa para ela. Eu estava em seu quarto havia apenas alguns minutos quando ela disse, com aparente preocupação:

– Lizzie, acabei de ficar sabendo que um dos meus irmãos foi morto na guerra.

– Também ouvi, sra. Lincoln, mas hesitei em comentar, por medo de que o assunto fosse doloroso para a senhora.

– Você não precisa hesitar. É claro, é natural que eu lamente por alguém tão próximo de mim, mas não tanto quanto você imagina. Ele fez sua escolha há muito tempo. Ele optou a ir contra o meu marido, e, dessa forma, contra mim também. Estava lutando contra nós, e, uma vez que ele escolheu ser nosso inimigo, não vejo nenhum motivo especial para eu lamentar sua morte.

Eu me senti aliviada e, em conversas posteriores, descobri que a sra.

*image
not
available*

Sabatina da Missão de Pessoas de Cor, fundada pela influência do general Brown na Igreja Presbiteriana da Fifteenth Street, é sempre objeto de grande interesse dos residentes da capital, assim como de centenas de estrangeiros que visitam a cidade.

Em 1864, as festas voltaram a acontecer na Casa Branca. Durante os dois primeiros anos da administração do sr. Lincoln, o presidente selecionou uma dama para dançar com ele, o que deixava a sra. Lincoln livre para escolher um acompanhante entre os distintos cavalheiros que a cercavam nessas ocasiões. Esse costume acabou extinto pela sra. Lincoln.

– Lizabeth! – Eu costurava em seu quarto quando a sra. Lincoln me chamou, sentada em uma poltrona confortável. – Lizabeth, eu ando pensando em uma coisinha. Como você bem sabe, em todas as festas, o presidente escolhe uma dama para liderar a *promenade* com ele. Agora me ocorre que esse costume é absurdo. Nessas ocasiões, nossos convidados reconhecem a posição do presidente; bem, veja, se eles reconhecem a posição dele, também deveriam reconhecer a minha. Eu sou a esposa dele e deveria liderar a *promenade* com ele. E, no entanto, ele oferece o braço para outra dama do salão, colocando-a em primeiro lugar, e a mim, em segundo. O costume é absurdo e pretendo aboli-lo. A dignidade que devo a minha posição, como esposa do presidente, exige que eu não hesite mais em agir.

A sra. Lincoln manteve sua palavra. Dali em diante, ou ela liderava a *promenade* com o presidente, ou o presidente caminhava sozinho ou com um cavalheiro. A mudança foi muito comentada, mas acredito que o motivo pelo qual ela foi feita nunca foi de conhecimento público.

Em 1864 havia muita dúvida quanto à reeleição do sr. Lincoln, e a Casa Branca foi cercada de todo tipo de políticos. Frequentemente a sra. Lincoln era julgada por ser rodeada por certa classe de homens.

– Tenho um plano em mente, Lizabeth – ela me disse, referindo-se a esse assunto. – Em um embate político, é comum usar todas as armas a nosso favor. Esses homens têm influência, e precisamos de influência para reeleger o sr. Lincoln. Usarei de astúcia para com eles até depois da eleição, então, se permanecermos na Casa Branca, derrubarei cada um deles e farei com que saibam que só os usei. Eles são um bando sem princípios e não me importo em fazer jogo duplo com eles.

*image
not
available*



A segunda posse

Certo dia, a sra. Lincoln veio até meu apartamento perto do fim do verão de 1864 para falar sobre um vestido. E aqui devo destacar: nunca aprovei que as senhoras ligadas à família do presidente viessem até minha casa. Sempre achei que seria mais consistente com a dignidade delas mandar me chamar e deixar que eu fosse até elas, em vez de virem até mim. Posso ter ideias peculiares a respeito de algumas coisas, e essa é uma delas. Não posso me esquecer das associações da minha vida pregressa. Bem, a sra. Lincoln veio até minha casa e, como de costume, tinha muito a dizer sobre a eleição presidencial.

Conversamos um pouco e em seguida ela me perguntou:

– Lizzie, onde você acha que vou estar no próximo verão?

– Ora, na Casa Branca, é claro.

– Eu não consigo acreditar nisso. Não tenho esperança na reeleição do sr. Lincoln. A campanha está acirrada, as pessoas começam a se queixar da guerra, e todas as cobranças recaem sobre meu marido.

– Não importa – respondi. – O sr. Lincoln vai ser reeleito. Tenho tanta certeza disso que estou tentada a pedir um favor para a senhora.

– Um favor?! Bom, se nós continuarmos na Casa Branca, vou poder fazer muitos favores para você. Qual é o favor especial?

– Simplesmente o seguinte, sra. Lincoln: eu gostaria que a senhora me desse de presente a luva da mão direita que o presidente usar na primeira recepção pública após a segunda posse.

*image
not
available*

City Point.

Ela voltou a Washington antes do dia 2 de abril. Na segunda, 3 de abril, a esposa do secretário Harlan veio até mim com o material para um vestido. Enquanto conversava com ela, vi a artilharia passar por minha janela, e, como estava a caminho de disparar uma saudação, concluí que o Departamento de Guerra havia recebido boas notícias. A recepção de meu ateliê ficava em uma calçada, e minha sala de trabalho, em outra. Ao perguntar o motivo da manifestação, disseram-nos que Richmond caíra. A sra. Harlan pegou minhas mãos e comemoramos juntas. Corri até a sala de trabalho e, ao entrar, vi que as garotas que eu empregava também tinham ouvido as boas-novas. Elas estavam especialmente entusiasmadas, pois foi relatado que a capital rebelde havia se rendido. Eu havia prometido a minhas funcionárias uma folga quando Richmond sucumbisse, e, naquele momento, elas me lembraram de minha promessa.

Voltei à recepção. Contagiada pela boa notícia, a sra. Harlan sugeriu que eu desse folga às garotas. Seu vestido podia esperar. Então me juntei a minhas funcionárias na alegria da folga havia muito prometida. Passeamos alegremente pelas ruas da cidade, com o coração transbordando de felicidade. Os atendentes de várias lojas de departamento também tiveram folga. Ao anoitecer, encontrei S. e muitos outros homens sérios e responsáveis na rua, embriagados.

A sra. Lincoln havia me convidado para acompanhá-la a City Point. Fui até a Casa Branca e disse a ela que, caso ela pretendesse voltar, seria um privilégio ir com ela, uma vez que City Point era perto de Petersburg, meu antigo lar. A sra. L. me comunicou que pretendia voltar e que seria um prazer me levar com ela, então ficou combinado que eu a acompanharia.

Alguns dias depois, estávamos no barco a vapor, a caminho de City Point. A sra. Lincoln ia acompanhada da esposa do secretário Harlan e de sua filha, do senador Sumner e de vários outros cavalheiros.

Antes disso, o sr. Lincoln já havia partido para City Point, e, antes que chegássemos ao nosso destino, ele já havia visitado Richmond, Petersburg e outras localidades. Chegamos na sexta-feira, e a sra. Lincoln ficou muito decepcionada ao saber que o presidente havia visitado a

*image
not
available*

– Mãe – ele disse à esposa –, apertei tantas mãos hoje que meus braços estão doloridos. Minha vontade era ir para a cama agora mesmo.

À medida que as sombras do crepúsculo se intensificavam, as luzes foram acesas, e o navio ficou intensamente iluminado. Descansando no rio e enfeitado por muitas luzes coloridas, parecia um palácio flutuante. Uma banda militar estava a bordo e, enquanto as horas se estendiam noite adentro, uma suave música pairava no ar. Muitos oficiais subiram a bordo para se despedir. A cena foi realmente incrível. Por volta das dez da noite, o sr. Lincoln foi chamado a fazer um discurso. Levantando-se, ele disse:

– Senhoras e senhores, desculpem-me. Estou cansado demais para falar esta noite. Na noite de terça, farei um discurso em Washington, em que poderão ouvir tudo o que tenho para dizer. E agora, em despedida aos bravos soldados de nosso valente exército, peço à banda que toque *Dixie*³. Sempre foi uma das minhas favoritas e, como os capturamos, temos todo o direito de desfrutar dela.

Enquanto o presidente se sentava, a banda começou a tocar a doce e inspiradora canção, ao fim da qual se ouviram aplausos e outras manifestações de aclamação.

Às onze da noite, a última despedida foi proferida, as luzes foram apagadas, o *River Queen* avançou sobre as águas, e seguimos de volta a Washington. Chegamos à capital às seis da tarde de domingo, onde o grupo se separou, cada um de volta à própria casa. Foi uma das viagens mais agradáveis da minha vida, da qual sempre me recordo com um genuíno prazer.

³ Canção tradicional da Região Sul dos Estados Unidos, que data da década de 1850, adotada como hino dos Estados Confederados da América durante a Guerra Civil. (N.T.)

*image
not
available*

carregada começou a se formar sobre sua cabeça. A sombra descansou em seu rosto um só instante. Então as duas cabras olharam para cima, em direção à janela, e sacudiram a cabeça como quem diz: “Como vai, velho amigo?”.

– Sabia, madame Elizabeth – indagou o presidente em tom entusiasmado –, que meus animais me reconhecem? Como parecem sinceros! Lá vão eles de novo; quanta diversão! – e riu abertamente ao vê-los saltar até o outro lado do jardim.

Nesse instante, a sra. Lincoln chamou:

– Venha, Lizabeth; se eu quiser ficar pronta para descer esta noite, vou ter de terminar de me vestir sozinha ou você vai ter de parar de olhar para essas cabras bobas.

A sra. Lincoln não gostava de animais e não entendia como o sr. Lincoln podia alegrar-se tanto com suas cabras. Após a morte de Willie, ela não suportava ver nada que o filho amava, nem mesmo uma flor. Buquês caros lhe eram ofertados, ao que ela se afastava com um calafrio, colocava-os em um lugar onde não os pudesse ver ou jogava-os pela janela. Doou todos os brinquedos de Willie – tudo o que tinha ligação com ele –, pois dizia que não conseguia olhar para eles sem pensar em seu pobre garoto, e pensar nele em sua mortalha branca e em sua sepultura fria era simplesmente enlouquecedor. Nunca na vida vi uma mulher tão peculiar. Procure pelo mundo inteiro e jamais vai encontrar alguém como ela. Depois da morte do sr. Lincoln, as cabras que ele tanto amava foram dadas – acho que para a sra. Lee, nascida srta. Blair, uma das poucas senhoras com quem a sra. Lincoln tinha uma amizade verdadeira em Washington.

Durante o tempo em que vivi na capital, formei meu lar com o sr. e a sra. Walker Lewis, pessoas da minha raça e amigos no sentido mais fiel da palavra.

Os dias se passaram sem que nenhum acontecimento específico perturbasse o fluxo da vida. Sexta-feira de manhã, 14 de abril – ah, que americano não se lembra desse dia? –, vi a sra. Lincoln por um único instante. Ela me disse que ia ao teatro naquela noite com o presidente, mas não fui chamada para ajudá-la a se arrumar. Sherman avançara da fronteira norte da Geórgia, atravessando o coração da Confederação até

*image
not
available*

nobres de Deus! Nunca entrei em uma sala mortuária com o coração tão acelerado e os passos tão trêmulos quanto naquele dia. Não era uma pessoa qualquer que havia morrido. O Moisés de meu povo havia sucumbido em seu momento triunfal. A fama tecera sua melhor grinalda para aquela frente, cravada por Deus com a glória das estrelas eternas.

Quando entrei no quarto, os membros do gabinete e muitos oficiais importantes do exército estavam reunidos em volta do corpo do comandante. Eles abriram espaço para mim, e, aproximando-me do corpo, levantei o tecido branco do rosto empalidecido do homem que eu adorava como um ídolo, que admirava como um semideus. Apesar da violência da morte do presidente, havia algo belo e grandiosamente solene na expressão de seu rosto plácido. Ali espreitavam a doçura e a delicadeza da infância, e a grandeza imponente do intelecto divino. Olhei longamente aquele rosto e virei-me com lágrimas nos olhos e a garganta apertada. Ah! Nunca um homem foi tão pranteado. O mundo inteiro baixou a cabeça em pesar quando Abraham Lincoln morreu.

Quando voltei ao quarto da sra. Lincoln, encontrei-a em mais uma crise de dor. Robert estava curvado sobre a mãe em um gesto que refletia carinho e delicadeza, e, ao pé da cama, com um mundo de agonia no rosto jovem, lá estava o pequeno Tad, de joelhos. Jamais esquecerei a cena – os lamentos de um coração partido, os gritos que não pareciam humanos, as convulsões terríveis, os acessos selvagens e tempestuosos de uma alma em sofrimento. Banhei a cabeça da sra. Lincoln com água fria, tentando acalmá-la. A dor de Tad com a morte do pai era tão grande quanto a da mãe, mas, incapaz de se controlar, seus terríveis acessos intimidavam o garoto ao silêncio, ao que ele abraçava o pescoço dela e exclamava, entre soluços feridos:

– Não chore tanto, mamãe! Não chore ou eu também vou chorar! Vai partir meu coração!

A sra. Lincoln não suportava ouvir Tad chorar, e, quando ele lhe suplicava que não partisse seu coração, ela se acalmava com grande esforço e apertava o filho nos braços.

Cada um dos quartos da Casa Branca estava na penumbra, e todos falavam baixo e se movimentavam com passos abafados. A atmosfera exalava a enorme tristeza que pesava em cada coração. A sra. Lincoln

*image
not
available*



A sra. Lincoln deixa a Casa Branca

Durante cinco semanas, a sra. Lincoln ficou confinada em seu quarto. Fazer as malas permitiu um alívio considerável, uma vez que nos ocupou tanto que não tínhamos muito tempo para lamentações.

Cartas de condolências chegaram de todas as partes do país e mesmo de chefes de Estado do exterior, mas o sr. Andrew Johnson, sucessor do sr. Lincoln, nunca ligou para a viúva nem escreveu uma única linha expressando compaixão pela sua dor e pela perda de seu marido. Certo dia, Robert o visitou para dizer que sua mãe lhe entregaria a Casa Branca em alguns dias, e ele nem ao menos perguntou como ela estava. A sra. Lincoln acredita firmemente que o sr. Johnson estava envolvido na conspiração do assassinato.

Ao fazer as malas, ela deu tudo o que estava intimamente ligado ao presidente, pois dizia que não suportava se lembrar do passado. Os artigos foram entregues àqueles que eram considerados os admiradores mais entusiasmados do sr. Lincoln. Todos os presentes passaram pelas minhas mãos. O vestido que a sra. Lincoln usou na noite do assassinato foi dado à sra. Slade, esposa de um antigo mensageiro fiel. A capa, manchada com o sangue do presidente, foi dada a mim, assim como o chapéu usado na mesma noite memorável. Mais tarde, recebi o pente e a escova que o sr. Lincoln usou enquanto viveu na Casa Branca. O mesmo